

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

O PAPEL DO IMPULSO AGRESSIVO NO FENÔMENO DA COMPULSÃO AO CONSUMO.

Flávia Cunha Pacheco (Departamento de Psicologia, Universidade Estadual de Maringá, Maringá – PR, Brasil). Marco Antônio Rotta (Departamento de Psicologia – Centro de Ciências Humanas, Universidade Estadual de Maringá, Maringá- PR, Brasil).

contato: flavia_cunha_pacheco@hotmail.com

Palavras-chave: Impulso agressivo. Desamparo. Narcisismo.

Este estudo intitulado como “O papel do impulso agressivo no fenômeno da compulsão ao consumo” tem como objeto o impulso agressivo, sendo este tratado por Sigmund Freud, em sua obra *Mal-estar na Cultura* (1930/2014) como uma tendência que faz parte da natureza humana. A análise inicia relatando a caça aos bárbaros, sendo que estes, há pelo menos dois séculos, sofrem por conta de serem vistos como seres dotados de uma excessiva carga afetiva. A barbárie, posta ao lado da figura do primitivo, desde o século XVII, e principalmente no século XIX, sofreu o adestramento, em nome da razão civilizatória do projeto da modernidade. O projeto civilizatório, sendo este um projeto da modernidade que visava um “avanço” à civilização por meio da busca de uma construção de futuro juntos, em nome do bem comum. Porém, para que isto ocorresse o homem necessitaria se restringir a leis e normas que o fazia renunciar grande parte de desejos e impulsos, ganhando destaque o impulso sexual e o impulso agressivo. Mas não esqueçamos que, de acordo com Freud, esta inclinação agressiva seria algo da nossa condição humana e a sua existência, “[...] que podemos perceber em nós mesmos, e com razão supor nos outros, é o fator que perturba nosso relacionamento com o próximo [...]” (FREUD, 1930/2014, p. 125).

Diferentemente de muitos estudiosos que veem barbárie e civilização como opostos binários, Freud interpreta ambas como diferentes modalidades de pensamento da subjetividade. O psiquismo oscila entre dois polos (consciência e o inconsciente) sendo que, a subjetividade ao caminhar em direção ao primeiro estaria indo á progressão, e ao se nortear ao inconsciente (pulsões) seria um movimento regressivo (BIRMAN, 2006). É por conta disto que, mesmo travando um combate com barbárie, os “civilizados” sempre se deparavam com a esta em meios a conquistas de territórios.

Vimos a exposição de Freud sobre os destinos dos impulsos agressivos na modernidade, usando como modelo o homem “civilizado” – ao passo que os primitivos não

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

conheciam o mecanismo de repressão tanto quanto o homem moderno e pós-moderno. É interessante ressaltarmos que estes seriam canais que Freud apresenta imerso em um tempo histórico o qual não nos encontramos mais. De início introduz, como válvula de escape de uma parcela de impulsos agressivos a força bruta para com o outro, o qual este outro deve ser alguém delimitado pela cultura. Havia outra forma de lidar com estes impulsos que seria por meio do mecanismo de sublimação, ou seja, deslocamentos libidinais, porém, o impulso domesticado não sacia tanto quanto o impulso selvagem (FREUD, 1930/2014). E, ainda, quando se tem, na modernidade, uma limitação para com a parcela de impulsos “externalizados”, intensifica a autodestruição, que se propaga por meio da introjeção da agressividade. Esta logo é assumida pelo super-eu, instância da “consciência moral”, que está preparado para dirigir ao eu a mesma agressão severa que satisfaria dirigindo-a para o outro. A tensão entre o eu e o super-eu produziria o sentimento de culpa.

O último destino acima descrito se mostra como o mais realizável e valorizado na modernidade, afinal, era por este mecanismo de sentimento de culpa que a cultura dominava o instinto agressivo do ser humano, na medida em que o enfraquecia e vigiava por meio da instância interior. A prova da vigilância interior seria que o sentimento de culpa surge não só quando alguém faz algum mal, mas também quando apenas o intenciona (FREUD, 1930/2014).

Com as intensas navegações de exportação, possibilitando o contato com comunidades que continham crenças e histórias diferentes; com o avanço da tecnologia; com a desconstrução de uma verdade absoluta; com a instalação do capitalismo; com o declínio do cristianismo e entre outros acontecimentos, houve a falha do projeto civilizatório tal como ele estava estabelecido na modernidade. Relacionamos este lapso com a alegoria da horda primitiva de Freud (1930/2014), que como Kehl (2002) relata, quer apresentar a “[...] difícil condição do homem moderno, que perde a proteção oferecida por um pai capaz de fazer, da filiação, um destino [...]” (KEHL, 2002, p. 44). O que ocorre é um movimento de falência, por meio do assassinato do pai protetor e opressor – que dava possibilidade às pessoas que renunciavam impulsos a fazer parte da comunidade. Este ‘assassinato’ é o responsável pelo sentimento de desamparo dos homens, que se intensifica na pós-modernidade. Agora seria cada um por si e a ansiedade incessante fazendo-se cada vez mais presente. Como causa disto as subjetividades estariam imersas em um mar de incertezas e o impulso agressivo, possivelmente, tomaria novas possibilidades de destinos (BAUMAN, 2001).

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

Logo, se inicia o tempo histórico denominado como pós-modernidade, sendo entendida com um contexto diferente da modernidade, com suas próprias peculiaridades, porém, uma continuidade. Algumas peculiaridades da pós-modernidade seriam: a busca por um conveniente individual, uma moral centrada no narcisismo, exaltação do eu, assim, uma intensa competição. A responsabilidade do que acontece, na atualidade, é posta ao indivíduo e não mais como algo a ser resolvido em comunidade. Houve esta passagem de culturas comunitárias, que visam e buscam algo em comum às culturas do individualismo (KEHL, 2002). Observa-se que já não tem mais uma dimensão do “nós”, se perde toda a referência coletiva. Seria um “[...] mundo de indivíduos particulares vivendo experiências particulares, em épocas e lugar particulares. [...] Esta quebra na unicidade do discurso do Outro trouxe a necessidade de uma autofundação das escolhas subjetivas [...]” (KEHL, 2002, p. 53).

Dentro deste contexto a dúvida de início que levou-nos a realizar tal pesquisa seria: como os impulsos agressivos estariam dispostos hoje, levando em consideração toda essa nova indumentária do contexto social? Ou seja, as possíveis configurações, focando na principal, desta espécie de impulso passaram por uma reformulação ou seria a reprodução do que se analisou na modernidade? A tese alternativa aceita seria a primeira, visando que estes impulsos, tanto quanto outros fenômenos acompanharam o contexto histórico, ou seja, as mudanças no desenrolar da cultura. A partir disto, construímos a hipótese de que os impulsos agressivos estariam disfarçados por detrás de um “desejo agressivo de onipotência”. O indivíduo busca o triunfo sobre o próximo, como meio de repressão do impulso agressivo, através do prazer em dominar os outros (PAGÈS et al., 1993). Enxergamos esta busca de triunfo como forma de defesa do sentimento de impotência perante o desamparo e o individualismo. Para analisarmos esta ideia hipotética de uma nova roupagem, citamos fenômenos atuais tais quais como a adição às drogas e a compulsão ao consumo, sendo este sintoma o privilegiado e mais focado.

Esta compulsão seria possivelmente um sintoma atual, dotado de tais impulsos agressivos, e valorizado socialmente. Seleccionamos o consumo como o fenômeno base a ser analisado, pois, o mundo pós-moderno é demarcado por este, todos são consumidores e tem possibilidades infinitas de praticar esta função. “[...] A vida organizada em torno do consumo, [...] deve se bastar sem normas: ele é orientado pela sedução, por desejos sempre crescentes e quererres voláteis [...]” (BAUMAN, 2001, p. 90). Como, na contemporaneidade, a nossa felicidade depende apenas da nossa competência individual – porém, sentimo-nos na maioria

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

das vezes incompetentes e baixos – precisamos fazer algo para nos blindarmos contra este sentimento de incompetência, e é então que enxergamos no consumo a solução mais rápida e eficaz para os “problemas”. Em outras palavras, o homem tem que criar sua identidade-imagem – em um ambiente totalmente hostil e competitivo – já que não existe mais uma Suprema Repartição, e é então que o consumismo se apresenta como uma grandiosa fonte de poder (BAUMAN, 2001), logo engrandecimento e consumo se casam.

A ideia disseminada na atualidade é: “[...] O *ter*, para preencher o vazio, é um signo que confere segurança ao indivíduo, pois o faz acreditar que é detentor de algum poder pelo *status* que pode exibir [...]” (BIRMAN, p. 183. 2006, grifo do autor). O ser narcísico de hoje acredita estar se preenchendo com mercadorias, desvalorizando a necessidade do outro. Ele tem uma relação sadomasoquista com o consumismo, no sentido de que, se entrega de “corpo e alma” para esta prática – uma servidão voluntária, masoquista – mesmo que esta lhe cause alguns prejuízos, sofrimentos e desgastes e, em troca, se identificando com o poder que o consumo demonstra ter, sente prazer em fazer parte de algo grandioso. Como se obtivesse o poder para si a cada vez que consome, esta seria a faceta sádica. Mas, é importante ressaltar que este prazer que o homem sente ao buscar ser um dos aliados do consumismo, seria “[...] um prazer agressivo. O prazer que se sente [...] em dominar os outros, em dominar seu trabalho, em vencer a si mesmo sem cessar. [...] É um prazer que possui enorme componente de sadismo e masoquismo [...]” (PAGÈS, 1993, p. 147).

Tendo em vista todas estas considerações apresentadas, o objetivo deste estudo seria analisar os impulsos agressivos na pós-modernidade, a fim de comprovar ou refutar o possível papel da agressividade no fenômeno da compulsão ao consumo, embasados no olhar psicanalítico freudiano. Levando em conta as múltiplas variáveis influentes dos meios sociais, nos propomos realizar uma pesquisa bibliográfica, sendo esta parte um procedimento metodológico embasado em pesquisa de cunho qualitativo, epistemológico conceitual. Não obstante, nos orientaremos no método de abordagem dialética sendo que esta “[...] constitui-se numa espécie de mediação no processo de apreender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais [...]” (KOSIK, 1976, p. 16 apud FRIGOTO, 1989, p. 79-80).

Enfim, é necessário incitar discussões dos fenômenos bastantes presentes na pós-modernidade, possibilitando uma análise crítica de como as relações humanas estão sendo estabelecidas no campo social em plenas transformações. Este estudo não seria apenas para

IV SEMINÁRIO DE PRÁTICA DE PESQUISA EM PSICOLOGIA

ISSN: 2317-0018

Universidade Estadual de Maringá

12, 13 e 14 de Novembro de 2014

contribuições pessoais e acadêmicas, mas principalmente para fomentar reflexões e novos estudos acerca do assunto no campo teórico/científico. E assim se fazendo possível nos perguntarmos: o que está ao nosso alcance fazermos diante deste intenso mal-estar presente em nós? Afinal, temos a possibilidade, como seres ativos, de dar novo desenrolares aos aspectos que nos circundam.

Referências:

BAUMAN, Z. Trabalho. In:_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Cap. 4, p. 150- 192.

BAUMAN, Z. Individualidade. In:_____. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. Cap. 4, p. 64-106.

BIRMAN, J. Nas fronteiras da barbárie. In:_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, p. 79- 103.

BIRMAN, J. A psicanálise e a crítica da modernidade. In:_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, cap. 2, p. 33-56.

BIRMAN, J. Subjetividades contemporâneas. In:_____. **Arquivos do mal-estar e da resistência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006, cap. 1 II, p. 171- 195.

FRIGOTO, G. O Enfoque da Dialética Materialista Histórica na Pesquisa Educacional. In: FAZENDA, I (Org). **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: Cortez, 1989, p. 69-90.

FREUD, S. **O mal-estar na cultura**. Porto Alegre, RS: L&PM, 2014, 192 p.

KEHL, M. R. O homem moderno, o desamparo e o apelo a uma nova ética. In:_____. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002, p. 39-75.

PAGÈS, M. et al. A organização e o inconsciente. In: _____. **O poder das organizações**. São Paulo: Atlas, 1993. p. 143-185.